

ENTREVISTA

A RESPEITO DA RECEPÇÃO DE LEVINAS NO BRASIL: ENCONTRO COM LUIZ CARLOS SUSIN*

Klinger Scoralick - O senhor é um dos responsáveis por introduzir o pensamento de Emmanuel Levinas no Brasil no início dos anos 80, juntamente com os professores Pergentino Stefano Pivatto e Ulpiano Vazquez Moro. O que o levou a se interessar por Levinas?

Luiz Carlos Susin - Preciso ser um tanto biográfico para comentar meu interesse por Levinas. Em meados dos anos setenta do século passado estávamos ainda submersos na ditadura civil-militar, e as questões sociais eram timidamente levantadas. Inclusive do ponto de vista pastoral – eu era um padre jovem – o engajamento nas periferias que se multiplicavam como cogumelo depois da chuva (leia-se “depois do milagre brasileiro da época”) era visto com suspeitas. Em termos filosóficos eu vinha de um fascínio intenso pelo pensamento de Heidegger, por sua ontologia, sua poesia, seus epígonos. Ao me deslocar para a Europa, especificamente para Roma, para um doutoramento em teologia, comecei a escutar e depois a ler Levinas no âmbito de um curso e de um seminário sobre a questão de Deus no pensamento contemporâneo. As categorias levinasianas de alteridade e bondade rompendo a soberania da identidade e da totalidade, a ética como filosofia primeira, um novo princípio e uma nova forma de poesia, por um lado me obrigaram a uma ruptura e releitura profunda, e por outro lado parecia me curar de uma esquizofrenia entre a

* Entrevista realizada por escrito no mês de abril de 2018.

realidade social e a minha filosofia mais ou menos heideggeriana. Depois de mais de trinta anos esta intuição – de que Levinas porta uma hermenêutica justa e iluminadora para o nosso contexto – se mostrou cada vez mais sólida.

KS - Seu livro *“O homem messiânico”* é a primeira obra publicada no Brasil sobre Levinas. Como foi a recepção desse filósofo judeu franco-lituano por aqui?

LCS - Quando eu comecei a ler Levinas, tanto Pivatto como Vazquez tinham concluído suas teses, o primeiro em francês e o segundo em espanhol. Li o texto de Pivatto na biblioteca do Institut Catholique de Paris, e o de Vazquez na publicação em espanhol. Tive a possibilidade de escrever diretamente em português, encurtando assim o tempo de tradução, arriscando solitariamente algumas traduções cruciais. Por exemplo, como traduzir não só literalmente mas com seu sentido original, a palavra tão importante *visage*? Não “rosto” e nem “face”, mas o substantivo “olhar” me pareceu o mais justo. Inspirei-me em Renato Teixeira, *“Romaria”*: *como não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar!* Mas como aqui chegaram antes as traduções de Enrique Dussel e ele insistia em “rostro”, a minha sugestão, que está em uma nota de rodapé de minha tese, não progrediu. Mas permaneço com minha convicção: *visage* é o “olhar que me olha”, que está face a face mas não se confunde com as linhas do rosto, provém da transcendência do outro.

A minha tese tinha uma dupla intenção: do ponto de vista teológico ela se localiza no último capítulo, sobre a composição ou recomposição ética da subjetividade, ou seja, a dimensão “messiânica” do ser humano, uma vocação bíblica levada à filosofia por Levinas. De um ponto de vista mais amplo, estava convicto de que o pensamento de Levinas seria uma contribuição benéfica para o Brasil, e por isso fiz de minha tese uma grande síntese do que tínhamos disponível até então para servir como introdução. Bem, aí tive dois problemas, um mais formal e outro na verdade um “belo problema”. É que nesse mesmo período estavam sendo introduzidos no Brasil os textos de Dussel. Ele estruturou sua análise e suas propostas de uma “ética libertadora” com categorias levinasianas. Com a vantagem de ser um

latino-americano claro, esquemático, bem mais palatável do que Levinas no original, ao menos num primeiro momento. Quando alguns leitores de Dussel se aproximaram de meu trabalho me avisaram que aqui já se tinha quem dizia melhor o que Levinas poderia aportar de forma aparentemente mais prolixa. Houve até quem pensasse que Levinas plagiava Dussel. É que Dussel utilizava Levinas dando raramente a conhecer a referência. Mas esses mesmos leitores se deram conta, mais tarde, que a fonte categorial, formal, do pensamento de Dussel, naquele período, era Levinas. Acho esse caso exemplar para entender a lenta penetração de Levinas por aqui. Mas há outros fatores: em relação ao meu trabalho, o fato de ser também enorme, uma tese de doutorado típica da época, com um título tomado de uma tradição religiosa, era um pouco assustador. No entanto, pessoas que a leram, como o Ricardo Timm, que pude acompanhar de perto, se direcionaram para Levinas sem arrependimentos. Mas os que tinham urgência ética e se lançavam numa “filosofia da libertação” tiveram dificuldade com o “exercício de paciência” proposto pelo mesmo Levinas. Penso, no entanto, que uma entrada lenta, mas firme e aprofundada, foi o caminho adequado.

KS - Muito embora Levinas não tenha se dedicado a pensar estritamente o problema da política – ele o faz de um modo tímido, digamos – sua recepção na América Latina é bem distinta nesse aspecto. Desde o começo dos anos 70, autores como Enrique Dussel e Juan Carlos Scannone deram impulso a uma apropriação política da obra de Levinas, a qual passa a ser pensada em proximidade com a categoria de “libertação” – o que veio a se tornar a base para um discurso filosófico que se organizou como lugar de resistência ao pensamento hegemônico, que historicamente obliterou a realidade cultural latino-americana, sua outreidade. Em suma, o que estava em jogo à época era o projeto de uma geração engajada em pensar a filosofia latino-americana, a unicidade da América Latina, buscando evitar a reprodução de uma lógica de indiferença e exclusão em relação ao pobre e ao marginalizado. Em sua opinião o que é preciso ler em Levinas sob o contexto atual da América Latina e do Brasil especificamente?

LCS - De fato, Levinas foi até a raiz na desconstrução da ontologia, da identidade e da totalidade – e nesse sentido ele tem algo da “pós-modernidade” – e foi definitivo na colocação da alteridade e da ética como “primeiro princípio”, mas daí em diante só deixou abertura e indicações – por exemplo, em relação à diversidade, ao pluralismo, e à política a partir do humanismo que começa no “outro”. Desdobramentos nas questões da justiça e da descolonização, em certa ocasião de encontro com estudantes latino-americanos em Louvain-La-Neuve, ele explicou porque era coerente que eles, os estudantes que conheciam as dores da América Latina e estavam lá por isso, pensassem. Em questões de feminismo e de gênero também: sua fenomenologia está contextualizada e somente as categorias basilares são úteis analiticamente. Em questões de ética animal e ecologia ainda mais. Mas imaginando como ele buscaria em seu baú de recursos judaicos lições para o Ocidente hegemônico e imperialista que hoje se manifesta também na América Latina - na exacerbação do capitalismo financeiro e na cultura consumista e, no fundo, nihilista, desesperada - eu estaria tentado a pensar que um dos seus livros maiores, *autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, tomaria hoje como título *autrement qu'être: au-delà de l'essence et au-delà du rien* – outramente que ser: para além da essência e para além do nada. A liquidez ou a fluidez e a superficialidade da cultura, da economia, da política, da arte, da religião e até da ética que se consomem vertiginosamente, nos colocam até cotidianamente diante da “dessubstancialização” e do nada, não o nada sartriano, nauseante, mas o nada voraz, “aniquilante”, já descrito por Levinas como *il y a*. A nossa experiência se perde na liquidez hoje, e emergem os fantasmas do ressentimento, do ódio à vida, do ódio aos outros. Estamos subindo sem suficiente vergonha nas estatísticas de feminicídio, de assassinatos de pessoas LGBTIQ, de violência aos indígenas, aos negros, aos pobres, com devastação ambiental. Bastou a inflexão de alguns anos com suave curvatura em direção a mais igualdade, e já retornamos de forma virulenta a piorar os índices. A ética como filosofia primeira nunca foi tão gritantemente necessária desde os tempos da colônia e da escravidão. Levinas, com uma alusão ao salmo 82, lembra que na injustiça “todos os fundamentos da terra se abalam”, e a injustiça de juízes corruptos,

que são chamados ali de “deuses” e que teriam poder de proteger o fraco contra o iníquo, tem como consequência de sua corrupção que “contudo morrereis como qualquer homem, caireis como qualquer”.

KS - *As minhas primeiras leituras da obra de Levinas me levaram com frequência a um questionamento incômodo, que de alguma forma ainda permanece. Se o eu deve tudo ao outro na proximidade, se o encontro com a alteridade é tão avassalador tal qual um traumatismo que explode a estrutura da subjetividade e depõe seus poderes abrindo suas portas e janelas, por que ainda há o mal?*

LCS - É muita pretensão pensar uma tão grande questão em poucas linhas, mas arrisco lembrando, em primeiro lugar, que a entrada avassaladora e traumatizante da alteridade é sempre ética, e portanto, há sempre a possibilidade da recusa e da perseverança no *conatus essendi*. Uma das coisas mais espantosas nas ações de políticos corrompidos e empresários corruptores desses últimos anos de Brasil é que a maioria é composta de homens velhos, que logo ali adiante serão levados em caixões sem gaveta. Nem terão tempo para usufruir das malas de dinheiro acumuladas. Mas, como reza o salmo 36, “não desistem de fazer o mal”. Se o exemplo que vem de cima pesa muito, este é um exemplo trágico porque porta alto risco de contaminação. Um parlamento em que a maioria vota contra os interesses dos trabalhadores, não há alteridade que traumatize e avassale. É o reino do *conatus essendi* e da guerra ao outro. A ética é nada diante da liberdade do poder que decide o contrário. Então resta o círculo duro da lei. Quando a própria lei é dobrada pelo poder, decai-se para a guerra e suas consequências imprevisíveis. Buscando ser mais específico diante da sua questão, no entanto, o que ocorre na análise da subjetividade em Levinas é a passagem de sua posição de identidade soberana enquanto *hipóstase* no ser para uma “de-posição” realmente avassaladora com a entrada da alteridade, até o ponto de se tornar refém do outro em sua própria casa. Opera-se uma radical queda no caos, mas caos originário, onde se opera uma inversão e uma recomposição, e então a subjetividade emerge com novo estatuto, e com ela também

os demais elementos do ser em sociedade, as instituições. Elas são o modo realista de diaconia da subjetividade à alteridade. Mas com o retorno do ser em todas as instâncias e com as melhores intenções, retorna a entropia e a corrupção, o risco de nova violência ao outro e da reposição da soberania da identidade, o *conatus essendi*, o “agarramento a si” na entropia. A aflição e a dor mesma desse retorno pode, porém, manter a subjetividade vigilante e crítica na paciência perseverante de diaconia ao outro, e justamente em meio ao “mal de ser”, segundo palavras da primeira fase de Levinas. Penso que Levinas nos conduz a uma ambivalência em relação ao ser grego e heideggeriano: é ao mesmo tempo *mal* e *diaconia*.

KS - *A obra de Emmanuel Levinas pode ser lida como uma força de denúncia contra o sentido que se arma no horizonte do ser, que silencia e se anuncia no silêncio do nada. Em seu percurso pulsa uma significação que impõe ao humano uma condição outra, a da hospitalidade. Nesses termos, de que maneira Levinas nos ajuda a pensar o habitar o amanhã?*

LCS - Levinas não é um idealista, ele ensina a vigilância e a crítica, mas ensina também a sonhar um sonho possível, com a força ética do *shalom*, a paz que é “unidade na pluralidade”, não unidade ontológica mas ética, que se desdobra em política e pedagogia. A hospitalidade é uma recomposição da identidade habitada depois de deposta a sua soberania. A hospitalidade começa na palavra sempre possível em meio ao caos da violência. Há ocasiões em que a palavra ecoa na forma de um grito, de um “não”, o mandamento sobre o abismo, em situações extremas. No cotidiano a palavra é um exercício da bondade, um intercâmbio de humanidade. A palavra tem a forma da promessa, onde ela é proferida se está também dizendo “eu não desisto de ti”. É na mesma forma um pedido, uma invocação e uma oração: “não desista de mim”. Por isso é sempre oportunidade e promessa de um amanhã; a palavra é criadora e hospitaleira, vital para que haja amanhã. É um dos pontos centrais nas lições de Levinas, que então nos surpreende por existir desde o primeiro verso na Escritura hebraica. Aliás, é a primeira e a última referência de toda a tradição de Levinas.